



Intersecções entre as narrativas de histórias de vida e a práxis jornalístico-literária

Victória Lôbo¹.
Élica Paiva².

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

Resumo: Este é um dos artigos resultados do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *Experiência de vida e formação na práxis jornalístico-literária de Eliane Brum* e objetiva traçar as intersecções que podem ser feitas entre as pesquisas que utilizam as narrativas de história de vida e a práxis jornalístico-literária. É uma revisão bibliográfica feita com embasamento filosófico de Nietzsche (2008) e Gadamer (1997).

Palavras-chave: Jornalismo Literário; Etnossociologia; Formação; Memória; Narrativas.

1. Introdução

É a partir das histórias de vida contadas pelo Outro, devidamente apuradas, selecionadas e, então, publicadas, que provém a maioria das narrativas jornalístico-literárias. Tomando a trajetória social da jornalista Eliane Brum, o objeto da pesquisa

¹ Graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e integrante do projeto de pesquisa Narrativas, Formação e Experiência (Naforme). E-mail: vliabff@gmail.com;

² Orientadora desta pesquisa. Doutora em Educação pela FAGED/UFBA e professora assistente do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas (DFCH) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: paivaelica@yahoo.com.br

que gerou este artigo, como exemplo, pode-se perceber indícios de intersecções entre o método etnossociológico das narrativas de histórias de vida proposto por Bertaux (2010) e a práxis jornalístico-literária, já que os dois utilizam como principal fundamento as narrativas de um Outro.

E é sobre isso que objetivo tecer compreensões ao longo deste texto. Conto como as narrativas de história de vida são utilizadas nas pesquisas, mas também como são primordiais na escrita jornalístico-literária e que, por isso, é possível uni-las. Através de algumas conceituações sobre jornalismo literário, práxis e memória e mostro como tais ideias estão interligadas a esta pesquisa. Aqui, entendemos que, na práxis-jornalístico literária, o uso das palavras e das técnicas literárias demonstram as experiências do jornalista que as escreveram a partir da interação com o Outro.

Para entender a importância das narrativas de história de vida nesta pesquisa e na práxis jornalístico-literária, recorro aos estudos das narrativas de histórias de vida como recurso educativo. Nesse campo, se destaca a autora francesa Christine Delory-Momberger, da qual utilizo o livro *Biografia e educação*, publicado no Brasil em 2008. Delory-Momberger (2008, p. 37) explica que:

É a narrativa que confere papéis aos *personagens* de nossas vidas, que define posições e valores entre eles; é a narrativa que constrói, entre as circunstâncias, os acontecimentos, as ações, as *relações* de causa, de meio, de finalidade; que polariza a linha de nossos *enredos* entre um começo e um fim e os leva para uma conclusão; que transforma a relação de sucessão dos acontecimentos em encadeamentos finalizados; que compõe uma totalidade significativa, na qual cada evento encontra seu lugar, segundo sua contribuição na realização da história contada. É a narrativa que faz de nós o próprio personagem de nossa vida; é ela, enfim, que dá uma *história* a nossa vida: *não fazemos a narrativa de nossa vida porque temos uma história, temos uma história porque fazemos a narrativa de nossa vida.*

Se, como seres humanos, somos históricos e culturais e carregamos em nós um emaranhado de experiências, segundo Delory-Momberger (2008), o que dá forma a tudo isso são as narrativas que fazemos de nós mesmos. Ela pensa a narração não só como um instrumento de formação, mas como um instrumento que faz com que o indivíduo tome forma, podendo se reconhecer e experimentar o vivido.

Porém, a autora também explica que uma das características da narrativa é que ela não abarca completamente esse vivido, já que a narrativa que se faz da vida não é a vida e isso se dá porque esse vivido está circunscrito a um espaço e um tempo específicos.

cos. O que leva a outra característica elencada por ela: “a segunda característica da narrativa, como objeto de linguagem, é que ela se constitui no tempo e no espaço de uma enunciação e de uma interrelação singulares”. (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 96).

Ao conceituar as narrativas de história de vida enquanto uma abordagem metodológica, Bertaux (2010, p. 48) diz que “é necessário, primeiramente, distinguir uma *história real*, da *narrativa* que dela se faz”. Essa ideia reforça as características da narrativa trazidas por Delory-Momberger (2008), mencionadas acima. Bertaux (2010, p. 51) ainda diz que “entre as experiências vividas por um sujeito e a narrativa dessas experiências se interpõe, necessariamente, um grande número de mediações”. Tal afirmação nos ajuda a compreender um dos porquês da impossibilidade de uma narrativa ser o vivido, mesmo que ela seja fiel às lembranças do que se passou. Porém, há, ainda, a possibilidade de que se faça uma boa narrativa.

Para narrar bem uma história é necessário delimitar os personagens, descrever suas relações recíprocas, explicar suas razões de agir, descrever os contextos das ações e interações e até mesmo formular julgamentos (avaliações) sobre as ações e os próprios setores. Descrições, explicações, avaliações, mesmo não sendo formas narrativas, fazem parte de toda narração e contribuem para construir significados. (BERTAUX, 2010, p. 47)

Disso se vale também a narrativa jornalístico-literária, pois o jornalista utiliza todos esses recursos narrativos citados acima para tornar a narrativa interessante e aprofundada. E, como dito por Bertaux (2010), para que esses recursos estejam no texto, é necessário compreender, através da narrativa de vida, tudo o que uma pessoa conta para a outra sobre um episódio de sua experiência vivida. Segundo Bertaux (2010, p. 47), “o verbo ‘contar’ (fazer relato de) é aqui essencial: significa que a produção discursiva do sujeito tomou a forma *narrativa*”.

Contar é essencial para a escrita jornalística, assim como é para o método etnosociológico das narrativas de histórias de vida. Contar é o que faz com que o texto seja uma narrativa, é trazer o leitor para o cenário que está sendo contado, fazer com que ele compreenda o que/quem está sendo narrado. É fazer, através das experiências contadas, com que o leitor experiencie, também, a narrativa.

2. “Contar um conto sem aumentar um ponto”

O jornalismo literário, segundo Lima (2010) é alimentado pelo diferente, já que ele não é o mais lido, nem o mais popular. Nesse nicho do jornalismo, a maioria dos textos narram histórias contadas por outras pessoas, ou seja, a narrativa de vida dos personagens é que dá vazão ao tema tratado e não o contrário. Isso quer dizer que o tema emerge pela e na história de vida do(s) personagem(ns), uma vez que é ela que conta sobre o tema, ao invés de servir como exemplo dele. Para Martinez (2017), para se fazer jornalismo literário é preciso sensibilidade e compreensão aguçadas.

Martinez (2017) diz que, apesar de criticarem tal jornalismo e dizerem que ele não tem espaço na contemporaneidade, ele apenas não tem força hegemônica, mas tem um público que pode ser cativado. Isso acontece porque essa especificidade do jornalismo abarca em si a possibilidade de uma união com diversas áreas do conhecimento, já que de acordo com a autora, a literatura não é a única área importante para a práxis jornalístico-literária. A autora reafirma o que foi dito no capítulo anterior, que “um dos marcos da produção de João do Rio é seu mergulho na realidade para retratá-la com saber e sabor. O jornalismo aqui, em sua melhor forma, como irmão de outras áreas do conhecimento, como a Sociologia e a Psicologia” (MARTINEZ, 2016, p. 37).

Por ter essa interação multidisciplinar e por tratar de vivências individuais, a veracidade das narrativas jornalístico-literárias é muito questionada. Lage (2014) explica o jornalismo como uma atividade de natureza técnica caracterizada por compromisso ético peculiar. Para o autor, o jornalista deve saber selecionar o que interessa e é útil ao público e buscar a associação entre essas duas qualidades, dando à informação veiculada a forma mais atraente possível; ser verdadeiro quanto aos fatos. O jornalismo literário não se diferencia disso, já que a maior preocupação do jornalista é com a ética, o que é validado por Eliane Brum (2017, p. 69) ao dizer que “[...] limites só me importam o da ética”, por existirem várias possibilidades de verdades quando pensamos numa história de vida.

Estamos no campo da realidade e ainda que o profissional construa o que se desenrola de acordo com sua bagagem sociocultural, o leitor espera que o jornalista seja honesto o suficiente para relatar o que vê. Caso contrário, estaria lendo ficção ou um livro baseado em fatos reais. Isso significa não inventar nem alterar nada. Em Jornalismo Literário, quem conta um conto não aumenta um ponto. Citações e pensamentos, por exemplo, devem ser verificados da forma mais simples que existe: perguntando à fonte. (MARTINEZ, 2016, p. 41-42)

Esse contrato jornalista-leitor pode ser validado a partir da ideia de verdade pensada por Gadamer (1997), que defende a ideia de existência de verdades, que nascem a partir de uma fusão de horizontes advinda de um diálogo genuíno. Esse diálogo é carregado de embates, que não são discussões, mas argumentações e a fusão de horizontes (GADAMER, 1997) é o que emerge disso e a(s) verdade(s) é (são) o que disso tudo se pode interpretar.

No jornalismo, esse embate se dá a partir da pluralidade de versões de um mesmo fato. Não tiro aqui a verdade trazida pela *hard news*, em que os fatos não são validados apenas por relatos, mas também por documentos que comprovam a veracidade. Porém, quando se pensa em narrativa de história de vida, essa verdade se dá, segundo Bertaux (2010), por meio do confronto da narrativa com a própria história na qual está inserida. Isso está diretamente interrelacionado com a ideia que John Hartsock (2019) traz ao pensar uma estética da experiência na narrativa jornalística literária.

Hartsock (2019) conta que esse nicho do jornalismo lida com as estéticas experienciadas todos os dias, nos fenômenos diários e, por isso, trata de experiências únicas. “Ao definir ‘estética’ na ‘estética da experiência’, eu não quero dizer ‘a beleza’ como sempre é associado com o termo como os estetas (os que cultuam o belo) refinados, que tiveram que assumir o termo para o seu próprio fim”. (HARTSOCK, 2019, p. 2, tradução nossa)³. O autor se refere à experiência que incita uma resposta sensorial e é baseada no que acontece no mundo “real”, por isso, para ele, o que diferencia o jornalismo literário da literatura é que

Jornalismo (e mais amplamente o documental) lida no fim com consequências de fenômenos. Mas, novamente, ficção lida com alegóricos prospectos ou hipotéticos imaginados (o que não retira que esses prospectos e hipotéticos podem ser valorizados). (HARTSOCK, 2019, p. 12., tradução nossa)⁴

Apesar de lidar com o que resultou de fenômenos, o jornalismo literário, segundo Hartsock (2019), ainda precisa lidar com a tendência à abstração. É o que Martinez

³ In defining “aesthetics” in the “aesthetics of experience,” I do not mean “the beautiful” as is often associated with the term by refined aesthetes who have assumed the term for their own ends (HARTSOCK, 2019, p. 2).

⁴ Journalism (and more broadly documentary) deals in the end with phenomenal consequences. But again fiction deals with imagined allegorical prospects or hypotheticals (which is not to dismiss that there can be value to such prospects or hypotheticals). (HARTSOCK, 2019, p. 12)

(2016) diz quando explica que o jornalista precisa lidar com a linha tênue entre realidade e ficção, mesmo que utilize as técnicas da narrativa literária. Lima (2010), ao pensar a práxis, caracteriza o jornalismo literário como uma possibilidade textual.

Segundo Lima (2010), a narrativa jornalístico-literária pode abarcar traços das teorias das narrativas literárias e uma subjetividade que não cabem ao texto jornalístico tradicional – que Hartsock (2019) cita como *hard news* -, que exige objetividade, textos em terceira pessoa e uma estrutura pronta, com *lead* e pirâmide invertida. E é à pirâmide invertida que Hartsock (2019) direciona uma de suas maiores críticas.

Como explorado em maiores detalhes em outros lugares, a retórica ambição do modelo das *hard news*, conhecido como pirâmide invertida, desvia as modalidades narrativas e descritivas que dominam uma narrativa jornalística literária, enfatizando a descontinuidade em que a especificidade e distinção dos cronotopos selecionados de um tempo e espaço distintos descendendo para detalhes crescentes relegados a uma ordem decrescente de importância que é distinta – que resiste volatilização em um éter abstrato – tem uma declinação de uma reivindicação para o valor cognitivo. (HARTSOCK, 2019, p. 7, tradução nossa)⁵

Ainda para Hartsock (2019, p. 7, tradução nossa)⁶, “a pirâmide invertida viola a cronicidade porque é sujeita a uma ambição abrangente: ‘o que é mais interessante aqui?’ A intenção, então, é analiticamente digressiva (e se move a uma direção expositiva)”. Isso, segundo o autor altera a ideia de narrativa e, também, os cronotopos presentes nela. Essa ideia de cronotopo é retirada, de acordo com Hartsock (2019), da teoria de Mikhail Bakhtin, e se refere a tempo (crono) e espaço (topo), em uma relação dicotômica que transforma a narrativa em única, e se relaciona, também, com a estética da experiência.

No entanto, o autor não diz que as *hard news* não contém esses cronotopos da experiência, mas que existem metáforas – que aqui recebem um sentido diferente do tradici-

⁵ As explored in greater detail elsewhere, the rhetorical ambition of the hard news model, known as the inverted pyramid, digresses from the narrative and descriptive modalities that dominate in a narrative literary journalism by emphasizing discontinuity in which the specificity and distinctiveness of the chronotopes selected from discrete times and spaces descend in a growing detail relegated to a decreasing order of importance so that what is discrete—what resists volatilization into abstract ether—has a declining claim to cognitive value. (HARTSOCK, 2019, p. 7)

⁶ The inverted pyramid violates that chronicity because it is subject to an overarching ambition: “What is most newsworthy here?” The intent, then, is analytically digressive (and moves in an expository direction). (HARTSOCK, 2019, p. 7)

onal e são pensadas como um meio de compreensão de algo – que dizem dessas experiências e desses cronotopos, que não são comuns a textos escritos em forma de pirâmide invertida, redigidos de maneira instantânea e com obrigação para com a verdade absoluta positivista, pensada por Descartes (2006) como o que resulta quando se separa a razão da tradição. Hartsock (2019) explica que a facilidade de encontrar essas metáforas na narrativa jornalístico-literária acontece por causa do tratamento que se dá a ela, já que é mais fácil entendermos, epistemologicamente, a função da experiência para o jornalismo literário.

Uma razão para o entendimento da natureza dinâmica do cronotopo como fenômeno e/ou metáfora é a necessidade de apreciar a natureza peculiar de uma narrativa jornalística literária: nós precisamos reconhecer nosso mundo fenomenal em uma ação epistemológica, pensando que essa ação epistemológica é o único recurso avaliável para transportar para os outros a experiência de nossa condição existencial. (HARTSOCK, 2019, p. 12, tradução nossa).⁷

Só a partir de 1960 começaram a surgir estudos sobre o jornalismo literário, apesar de existirem produções que podem ser consideradas desse nicho entre os séculos XVIII e início do XX. Essa iniciativa se deu com um movimento intitulado *New Journalism*, já que após um período de recessão que iniciou com a Primeira Guerra Mundial, voltaram a existir produções unindo técnicas do jornalismo com as da literatura. No Brasil, inspiradas nos modelos estadunidenses, como conta Lima (2010), surgiram produções como a *Revista Realidade* e o *Jornal da Tarde*.

Dimenstein e Kotscho (1990) explicam que a reportagem é a técnica jornalística de contar boas histórias. Pensando dessa forma, o jornalismo literário se utiliza desse sentido para a construção de histórias contadas carregando em si estilos da linguagem literária. Essa subjetividade empregada ao texto jornalístico, para Martinez (2017), faz com que precisemos delimitar melhor a linha tênue que separa a realidade da ficção, para que a interpretação jornalística narrativizada no texto seja a de uma realidade vivenciada por aquele(s) que conta(m).

⁷ One reason an understanding of the dynamic nature of the chronotope as both phenomenon and metaphor is necessary in appreciating the peculiar nature of a narrative literary journalism is perhaps obvious: We do need to acknowledge our phenomenal world in an epistemological act, given that the epistemological act is the only recourse available for conveying to others the experience of our existential condition. (HARTSOCK, 2019, p. 12)

Martinez (2017) reitera ainda que o jornalismo literário é uma modalidade para poucos, não apenas pelo espaço dado a esse tipo de jornalismo, mas pelas exigências feitas ao jornalista que se propõe a escrevê-lo. A autora diz que essa modalidade não tem um padrão textual pré-formatado, e, por isso, ela é viva. O jornalismo literário exige, também, planejamento, pois é uma pesquisa densa, já que o jornalista precisa da confiança e do contato com o Outro narrativizado, ao mesmo tempo em que forma-se a si mesmo.

E é pelo uso das narrativas de vida como ponto principal e pela liberdade de se colocar no mundo dada ao jornalista literário, que escolhi este como objeto de pesquisa. Como já foi falado, só há um Eu pela existência de um Outro e as fusões desses diversos horizontes são o que constituem a reportagem.

A fusão de horizontes é um conceito ideado por Gadamer (1997), que denota um processo de compreensão a partir da união de horizontes, que são cheios de preconceitos. Esses preconceitos são, para o autor, a tradição que trazemos tanto de nossas experiências, quando de nossa história e cultura e, a partir dessa fusão, que é, necessariamente o que é o compreender, chega-se a uma ideia sobre determinado assunto.

Dessa maneira, Gadamer (1997) desmistifica a carga negativa atrelada aos conceitos de preconceito e tradição. Gadamer (1997, p. 275) compreende que “ ‘preconceito’ não significa pois, de modo algum, falso juízo, pois está em seu conceito que ele possa ser valorizado positivamente ou negativamente”. Assim como tradição é sim o que conservamos, porém, é também o que colocamos à prova através da fusão de horizontes e do diálogo genuíno. A tradição é o que nos faz ter um preconceito, uma ideia anterior, sobre algo ou alguém e, ainda, o que nos faz o que somos, indivíduos históricos, inseridos em uma sociedade e cultura anterior, e com vivências próprias. Logo,

[...] o horizonte do presente está num processo de constante formação, na medida em que estamos obrigados a pôr à prova constantemente todos os nossos preconceitos. Parte dessa prova é o encontro com o passado e a compreensão da tradição da qual nós mesmos procedemos. O horizonte do presente não se forma pois à margem do passado. Nem mesmo existe um horizonte do presente por si mesmo, assim como não existem horizontes históricos a serem ganhos. Antes, *compreender é sempre o processo de fusão desses horizontes presumivelmente dados por si mesmos*. Nós conhecemos a força dessa fusão sobretudo de tempos mais antigos e de sua relação para consigo mesmos e com suas origens. A fusão se dá constantemente na vigência da tradição, pois nela o velho e o novo crescem sempre juntos para uma validade

vital, sem que um e outro cheguem a se destacar explicitamente por si mesmos. (GADAMER, 1997, p. 457)

Gadamer (1997) explica que esses horizontes não são palpáveis, não há traço que os delimitem, mas que são a noção da própria tradição e da consciência histórica. O autor escreveu sobre o que seria essa consciência, em um texto chamado *O problema da consciência histórica*. Gadamer (2006) explica que a tecnologia e a ânsia pelo novo se sobrepõem à história na atualidade, e que, por isso, cabe à filosofia questionar isso. No entanto, deve-se pensar os fenômenos históricos não como algo a ser explicado e sim compreendido em sua singularidade. E é esse processo de compreensão, segundo Gadamer (1997), o próprio papel da hermenêutica: compreender e expandir os horizontes.

Para compreender como será pensada essa fusão dos horizontes das minhas fontes de pesquisa, com e partir das quais, falo sobre a práxis jornalístico-literária, busco entender a forma como a memória está entrelaçada com o jornalista, suas experiências e a forma como desenvolve a sua práxis. Se a memória é o que nos constitui seres históricos, como ela está presente em nossas escolhas?

3. Pensar a práxis e a memória

Estar contido no nosso texto não é nenhum demérito: pelo contrário, é um contrato justo com o leitor, já que a todo tempo ele está lendo a partir de um ponto de vista, o de quem escreve. E é por isso que podemos encontrar indícios de experiência e formação da jornalista Eliane Brum em suas narrativas jornalístico-literárias. Isso porque levamos conosco as diversas experiências que nos formaram como somos e o que somos, e, portanto, não há como nos desvincilharmos delas, pois estão entranhadas em nossa práxis, no nosso olhar, naquilo que percebemos do Outro e o que trazemos de suas narrativas em nossas narrativas.

Esses saberes “não sabidos” desempenham um papel primordial na maneira como os sujeitos investem nos espaços de aprendizagem, e a sua conscientização permite definir novas relações com o saber da formação. Essa valorização da experiência individual inscreve-se num procedimento global que associa, intimamente, os formados ao processo formativo e os considera como atores plenos de sua formação. (DELORY, MOMBERGER, 2008, p. 95)

Gadamer (1997) corrobora com ideia de que a aprendizagem e de saberes não sabidos, aqueles que não temos consciência que sabemos, quando fala sobre tradição. O autor, como disse anteriormente, quebra a ideia estigmatizada socialmente de que preconceito é, de todo, ruim. A palavra tem como significado aquilo que temos como ideia de algo ou alguma coisa. É o que, a partir de todas as nossas experiências, nos faz pensar que uma bola é redonda e não quadrada. É a tradição que vem de tudo o que a história nos conta, mas também de nossas experiências desde que nascemos e que nos levam em uma certa direção, não em outra.

O que prova a veracidade de uma narrativa são as possibilidades nela contida de alinhar-se historicamente, de confirmá-la com os envolvidos na história e, principalmente, a ética de quem narra e a de quem ouve. A isso, como já foi dito, Martinez (2017) refere-se como o que alicerça o jornalismo literário.

As raízes etimológicas da palavra práxis, segundo Seixas (2006), explicitam duas linhas de pensamento: a) faz referência ao sujeito da ação em si mesmo; e b) a perfeição ou excelência que tem em si mesmo. A práxis, para a pesquisadora, é a relação dialética e dialógica da reflexão do que foi praticado. É um movimento entre praticar e pensar-se praticando.

Porém, se, segundo Vaz (2002), essa reflexão ética é a evidência primeira que norteia qualquer práxis, por que no jornalismo literário tal fundamento se torna tão evidente? Para responder a esta pergunta recorro ao que já foi dito anteriormente: na narrativa jornalístico-literária a utilização de narrativas de histórias de vida pode tornar o conteúdo duvidoso, já que o que prova sua veracidade são as palavras do jornalista e do entrevistado, assim o compromisso ético torna-se maior do que em casos factuais, facilmente comprovados por dados. A pesquisa nessa práxis é essencial e minuciosa, da colheita dos relatos até a publicação.

Pensar a práxis nos leva a pensar em sua relação dicotômica com a teoria. É notório desde os filósofos gregos que teoria e prática exercem entre si um trabalho interligado, já que uma depende da outra. Não existe teoria sem práxis e o trabalho da práxis também se dá através de uma teoria. Uma não equivale à outra quando pensamos em seus significados, mas têm entre si uma relação simbiótica. Uma ideia interessante é a

de Larrosa (2002) que diz que, quando se tem a ver com experienciar, a relação teoria e práxis se torna experiência e sentido.

A práxis, então, nessa perspectiva, é aquilo que fazemos daquilo que sabemos, do que está constituído teoricamente. É o ato de experienciar o saber, é mais profundo do que o fazer por obrigação porque necessita que esse saber seja uma experiência. O indivíduo que experiencia precisa refletir sobre esse saber para que, nesse movimento de experienciar, esse saber o passe e o aconteça. Logo, se, segundo Larrosa (2002), a experiência é aquilo que nos acontece e Benjamin (1994) diz que o ato de narrar é uma experiência, a experiência da práxis jornalístico-literária, que perpassa a ida a campo e a escrita da narrativa, reflete o que Delory-Momberger (2008) conta: que o nosso texto nos contém.

A práxis jornalístico-literária, portanto, é carregada de experiências de vida, não só dos personagens, como também do jornalista. Essas experiências são o que nos move. São memórias. Bergson (1999), discorre sobre memória, lembrança e o inconsciente. Segundo ele, as nossas memórias estão presentes em nossos movimentos, não só a memória corporal, mas como também a espiritual. Como o autor diz que as lembranças são independentes, ele explica que tudo o que vivemos está em nosso arquivo ídeomotor, que está no campo virtual de nosso cérebro.

As memórias que não estão vívidas em forma de lembranças, estão em nosso inconsciente e, de acordo com Bergson (1999), elas interferem em nossas escolhas, mesmo que não tenhamos consciência disso. Então, por exemplo, se na escola uma criança foi chamada de algo que a afetou, isso será acentuado em suas ações futuras, mesmo que ela não saiba que é isso que faz com ela aja ou sinta da forma como age ou sente.

(...) se colocarmos a memória, isto é, uma sobrevivência das imagens passadas, estas imagens irão misturar-se constantemente à nossa percepção do presente e poderão inclusive substituí-la. Pois elas só se conservam para tornarem-se úteis: a todo instante completam a experiência presente enriquecendo-a com a experiência adquirida; e, como esta não cessa de crescer, acabará por recobrir e submergir a outra. (BERGSON, 1999, p. 69)

Isto não significa, segundo o autor, que as memórias serão apagadas, elas continuarão guardadas, já que formaram a pessoa o que é, porém, só serão acessadas quando forem importantes para determinada ação. Bergson (2011) explica ainda que essas me-

mórias serão difusas, já que nem sempre as lembranças retratam com exatidão e realidade o vivido. O importante é compreender que elas sempre terão formado e estarão formando o que somos no agora.

Por isso, cada palavra arquivada em nosso arquivo ídeomotor diz do que somos e continuarão dizendo quando saírem do campo virtual e passarem a fazer parte do campo real, na oralidade ou na escrita. Dessa maneira, a narrativa da práxis jornalístico-literária, aglomerado de palavras, fez parte, antes, desse arquivo e passaram à forma de texto seguindo a linearidade e forma previamente conhecidas pelo jornalista que escreveu.

4. Intersecções entre o método etnossociológico e o jornalismo literário

O método etnossociológico das narrativas de história de vida propõe a união de dois campos de estudo: a etnografia e a sociologia. Inspirado na tradição e na observação etnográficas, o pesquisador constrói os objetos a partir de problemáticas sociológicas, na tentativa de encontrar o geral dentro de uma particularidade. Assim, a particularidade trazida por mim é a trajetória da jornalista Eliane Brum, para pensar a sua práxis jornalístico-literária, considerando aqui o jornalismo como um mundo social.

A trajetória social, para Bertaux (2010), diz respeito à variedade de percursos de vida e de como vários mecanismos são agregados no processo de formação do sujeito dessa trajetória. Os dois outros modelos de objetos propostos pelo autor são o mundo social e as categorias de situação social. Segundo Bertaux (2010, p. 48-49), “Essa linha [a da trajetória] não é assimilável a uma reta ou a uma curva harmoniosa, como parece indicar o termo trajetória, frequentemente utilizado”. O autor explica que a trajetória social é cheia de interferências micro e macrosociais. Bertaux (2010) diz ainda que uma guerra ou uma tragédia podem afetar a trajetória de uma pessoa, assim como a morte de uma pessoa próxima.

Em sua maioria, as existências são, ao contrário, sacudidas por forças coletivas que reorientam seus percursos de maneira imprevista e geralmente incontável. Uma guerra, uma revolução, um golpe de Estado, uma crise econômica grave, uma epidemia, atingem simultaneamente e desviam o curso de milhões de existências individuais. (BERTAUX, 2010, p. 49)

Entender as peculiaridades das trajetórias sociais é perceber, por exemplo, que cada jornalista é único, possui sua tradição, seus preconceitos, sua história de vida e que vão olhar para suas pautas de maneiras diferentes, mas que, além de serem todas essas individualidades, também são o mundo social ao qual fazem parte, o jornalismo. É uma maneira de estudar os fenômenos, compreendendo as partes que os formam.

A etnossociologia, portanto, reconhece as diversidades dos mundos sociais e as suas diversas situações e trajetórias, e propõe uma pesquisa empírica aplicada às lógicas próprias de cada mundo social, situação ou trajetória, para entender, assim, os diversos fatores que podem influenciar tais mundos, situações e trajetórias. Dessa forma, para Bertaux (2010), os dados qualitativos têm uma dupla função nesta pesquisa: uma é fornecer descrições estatísticas confiáveis de fenômenos coletivos. A outra, segundo o autor, mais difícil de realizar, a de fazer suposições e não verificar hipóteses.

A técnica de pesquisa visada por Bertaux (2010) é a entrevista para a obtenção de uma narrativa oral. Bertaux (2010) explica também que a finalidade da narrativa de vida na pesquisa etnossociológica é diferente da forma oral de uma autobiografia. Na autobiografia, a narrativa é o testemunho da experiência vivida. Nesta proposta de pesquisa, a narrativa é pensada para um objeto pré-definido pelo pesquisador, que aqui é a trajetória social da jornalista Eliane Brum.

O método etnossociológico das narrativas de história de vida foi pensado como uma alternativa para as pesquisas sociológicas, já que Daniel Bertaux é sociólogo. Neste Trabalho de Conclusão de Curso, adapto esse método para a pesquisa em jornalismo, já que a reportagem aqui é pensada como um fenômeno sociológico a ser interpretado e reinterpretado, utilizando o dado qualitativo biografizado por Eliane Brum em seu livro memorialístico e a entrevista feita com a jornalista. Entendo, também, o jornalismo como um mundo social.

Lima (2009) elenca dez pilares do jornalismo literário, e, dentre eles, estão a humanização, a universalização temática, a imersão e a responsabilidade ética. Esses quatro pilares fazem intersecção com o que Bertaux (2010) elenca sobre a maneira como a pesquisa etnossociológica das narrativas de histórias de vida é feita. Dentre os

pilares pensados pelo autor, estão também a utilização de histórias de vida; agendar, preparar, conduzir a entrevista; generalização dos resultados; e compromisso ético.

Portanto, apesar de finalidades diferentes, os pilares são próximos e a base de pesquisa também. O que dá credibilidade à pesquisa acadêmica que tem como base as narrativas de histórias de vida e ao jornalismo é o compromisso com a veracidade e apuração dos fatos.

5. Considerações finais

No decorrer da pesquisa, é possível entender que, como a escuta de narrativas de histórias de vida é o principal agente que constrói a narrativa jornalístico-literária, e, com a união das técnicas da escrita literária às técnicas jornalísticas, torna-se admissível que o jornalista se coloque em seu texto, em primeira pessoa ou não, incluindo sua subjetividade e a subjetividade do Outro, sendo de onde emergem as interpretações. E, por essa admissão do subjetivo, é mais compreensível encontrar traços do Eu jornalista circunscrito na narrativa.

No entanto, não posso descartar que essa subjetividade também pode ser encontrada no jornalismo factual, já que se trata de uma pessoa escrevendo, com seu vocabulário, forma de formular frases, escolhas, pontos de vista. O que é possível distinguir um nicho do jornalismo de outro é a forma como as verdades aparecem. No jornalismo factual, as evidências documentais, e os relatos testemunhais comprovam a verdade. No jornalismo literário, isso se dá através, principalmente, da ética, que apesar de permear todas as áreas da profissão, na práxis jornalístico-literária, se torna fundamental por se tratar na maioria das vezes de narrativas de histórias de vida. Além da ética, essas narrativas podem ser comprovadas por sempre estarem inseridas num espaço-tempo e pelo encontro do jornalista com o entrevistado poder ser o que Gadamer (1997) chama de diálogo genuíno.

Referências

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 2 ed. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BERGSON, Henri. **Memória e Vida**: textos escolhidos. 2. ed. Tradução de Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida**: a pesquisa e seus métodos. Natal/São Paulo: EduFRN/Paulus, 2010.

BRUM, Eliane. **O olho da rua**: uma repórter em busca da literatura da vida real. 2. ed. Porto Alegre: Arquipélago editorial, 2017.

_____. **meus desacontencimentos**: a história da minha vida com as palavras. 2. ed. Porto Alegre: Arquipélago editorial, 2017b.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação**: figuras do indivíduo-projeto. Prefácio Pierre Dominicé; Tradução de Maria da Conceição Passeggi, João Gomes da Silva Neto, Luis Passeggi. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

_____. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. **Educação e Pesquisa**: v. 32, n. 2, 2006.

DIMENSTEIN, Gilberto; KOTSCHO, Ricardo. **A Aventura da Reportagem**. 4.Ed. São Paulo: Summus Editorial Ltda, 1990.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Tradução de Flávio Paulo Meurer. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. **O problema da consciência histórica**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2006.

HARTSOCK, JOHN C. **Exploring the referentiality of narrative literary journalism**. In: W. Dow & R. Maguire. Abingdon-on-Thames: Routledge, 2019.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. 2 ed. Tradução revisada e apresentação de Marcia Sá Cavalcante Schuback; posfácio de Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2007.

LAGE, Nilson. Conceitos de jornalismo e papéis atribuídos aos jornalistas. **Revista pauta geral – estudos em jornalismo**. Ponta Grossa: vol.1, n.1p.20-25, Jan-Jul, 2014.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro: n.19, jan./fev./mar./abr., 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2018.

_____. **Nietzsche e a Educação**. Tradução de Semíramis Gorini da Veiga. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4.ed. São Paulo: Ed. Unicamp, 2009.

..... . **Jornalismo literário para iniciantes.** São Paulo: Clube de Autores, 2010.

MARTINEZ, Mônica. **Jornalismo literário:** tradição e inovação. Florianópolis: Insular, 2016.

..... . **Jornalismo Literário:** revisão conceitual, história e novas perspectivas. **Intercom.** São Paulo: v.40, n.3, p.21-36, set./dez. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/interc/v40n3/1809-5844-interc-40-3-0021.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2018.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce Homo:** como alguém se torna o que é. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SEIXAS, Maria Luiza Coutinho. **Práxis nossa de cada dia:** significados da experiência refletida e da reflexão experienciada. Dissertação – UFBA, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/10600/1/Maria%20Luiza%20Seixas.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2018.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. **Escritos de filosofia II – ética e cultura,** 3. ed., São Paulo: Loyola, 2000.